



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE FILOSOFIA

ANA CAROLINE DOS SANTOS
RODRIGUES

A COMPREENSÃO DO FEMININO EM EDITH STEIN

FORTALEZA
2026

ANA CAROLINE DOS SANTOS RODRIGUES

A COMPREENSÃO DO FEMININO EM EDITH STEIN

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ursula Anne Matthias

FORTALEZA

2026

ANA CAROLINE DOS SANTOS RODRIGUES

A COMPREENSÃO DO FEMININO EM EDITH STEIN

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Aprovado em 20/01/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ursula Anne Matthias

(Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Maria Inês Castanha de Queiroz

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Olinda Braga

Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todos que contribuíram para a realização desta pesquisa, em especial a toda a comunidade steiniana, e ao meu pai (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir conhecer pessoas tão especiais, que percorreram comigo esta jornada de estudo, aprendizado e companheirismo.

Minha gratidão à Profa. Ursula Anne Matthias, por me apresentar, com tanto cuidado e sensibilidade, a obra de Edith Stein, bem como pela orientação primorosa ao longo de toda a trajetória steiniana desenvolvida nesta pesquisa.

Agradeço igualmente à Profa. Maria Inês Castanha de Queiroz e ao Prof. José Olinda pela disponibilidade, pelas contribuições valiosas e pelo apoio acadêmico.

Gratidão aos meus amigos Rosi, Silvia, Marli, Orlando e Thiago, pela atenção e auxílio constantes; à Carolina, pelo cuidado e afeição; e aos meus irmãos e à minha mãe, pela presença ao longo de toda a minha formação.

Agradeço, ainda, à Cláudia Maria de Castro Mascarenhas e ao José Marcos Lima Mascarenhas, que, desde a infância, incentivaram e apoiaram meus estudos.

Registro minha gratidão pelo apoio da equipe do Grupo de Pesquisa em Separações por Adsorção (GPSA), em especial ao Prof. Célio L. Cavalcante Jr., à Andréa Prudente e ao Prof. Barros Neto, pelo incentivo e colaboração ao longo dos anos de trabalho.

Por fim, agradeço ao Grupo de Estudos em Filosofia Fenomenológica de Edith Stein (GEFFES – UFC), pela aprendizagem compartilhada e pelas ricas trocas de conhecimento e amizade que marcaram este percurso acadêmico.

“O que vale a pena possuir, vale a pena esperar”

Edith Stein

RESUMO

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo reflexivo-bibliográfico que se propõe a investigar a compreensão do feminino a partir do pensamento de Edith Stein, tomando como referência as obras *A mulher segundo a natureza e a graça* (1999) e *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos* (2018). A abordagem metodológica adotada fundamenta-se na análise conceitual-hermenêutica, buscando compreender o sentido do feminino à luz da experiência vivida e da elaboração filosófica da autora. A partir desse recorte, que privilegia a relevância da figura feminina nas vivências de Edith Stein, o primeiro capítulo dedica-se a explicitar a influência materna em seu processo formativo; o segundo capítulo examina os fundamentos do pensamento steiniano acerca do feminino; e o terceiro capítulo reflete sobre a importância da mulher no contexto contemporâneo, à luz das contribuições filosóficas da autora. O texto da pesquisa tem como eixo central a temática da mulher e evidencia de que modo os elementos autobiográficos da filósofa se articulam à sua reflexão teórica, contribuindo para a constituição de uma compreensão do feminino que ultrapassa o âmbito histórico de sua produção, consolidando sua obra como referência significativa tanto para as mulheres de sua geração quanto para as próximas gerações.

Palavras-chave: feminino; pessoa humana; formação; mulher; pensamento.

ABSTRACT

This research is characterized as a reflective bibliographical study that seeks to investigate the understanding of the feminine from the perspective of Edith Stein's thought, taking as its primary references the works *Woman According to Nature and Grace* (1999) and *Life in a Jewish Family and Other Autobiographical Writings* (2018). The methodological approach adopted is grounded in conceptual-hermeneutical analysis, aiming to comprehend the meaning of the feminine in light of lived experience and the author's philosophical elaboration. Within this framework, which privileges the relevance of the feminine figure as manifested in Edith Stein's lived experiences, the first chapter is devoted to explicating the maternal influence in her formative process; the second chapter examines the foundations of Stein's thought on the feminine; and the third chapter reflects on the importance of women in the contemporary context, in light of the author's philosophical contributions. The research is centrally oriented toward the theme of woman and demonstrates how the philosopher's autobiographical elements are articulated with her theoretical reflection, contributing to the constitution of an understanding of the feminine that transcends the historical scope of its production, thereby consolidating her work as a significant reference both for women of her generation and for subsequent generations.

Keywords: feminine; human person; formation; woman; thought.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. EDITH STEIN: A FORMAÇÃO DE UMA FILÓSOFA.....	11
2.1. A relevância da figura materna na formação de Edith Stein.....	12
2.2. A vida adulta até a conversão ao catolicismo.....	15
3. O PENSAMENTO STEINIANO SOBRE O FEMININO.....	19
3.1. A correlação entre o masculino e o feminino.....	23
3.2. A condição da mulher no campo das profissões.....	27
4. A IMPORTÂNCIA DA MULHER NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.....	32
4.1 A presença feminina na comunidade.....	32
4.2 Edith Stein no cenário brasileiro.....	35
4.3 A colocação da mulher na sociedade atual.....	42
5. CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

Edith Stein é reconhecida como filósofa e educadora e, no âmbito da Igreja Católica, após ingressar no Carmelo, adotou o nome de Teresa Benedita da Cruz. Stein nasceu em 12 de outubro de 1891, e seu falecimento foi oficialmente registrado em 9 de agosto de 1942, data em que teria sido morta em uma câmara de gás, juntamente com outros judeus, tornando-se mártir do Holocausto.

Embora a historiografia reconheça essa data como oficial, não há documentação direta que descreva as circunstâncias exatas de sua morte. Registra-se, inclusive, que, ainda na década de 1950, algumas irmãs do convento alimentavam a esperança de que estivesse viva. Sabe-se que o regime nazista mantinha registros minuciosos dos óbitos nos campos de concentração, por meio do chamado “livro dos mortos”.

Há indícios de que Edith Stein possa ter sobrevivido até 1943, uma vez que seu número de registro consta nesses documentos, o que levanta a hipótese de que tenha atuado como enfermeira por aproximadamente um ano e, possivelmente, tenha sido submetida a experimentos.

Tal possibilidade tornaria sua trajetória ainda mais dolorosa, pesquisas recentes têm buscado aprofundar as circunstâncias específicas de seu falecimento. Nesse sentido, Rainer Schmidt (2024), no artigo *La morte di Edith Stein nel campo di concentramento di Auschwitz-Birkenau. Alla ricerca delle sue tracce*, analisa documentos e registros que suscitam questionamentos acerca da cronologia exata de sua morte. Trata-se, contudo, de uma hipótese ainda em debate no âmbito historiográfico.

De origem alemã e pertencente a uma família judia, Edith Stein realizou inicialmente estudos nas áreas da literatura, psicologia e história, sobressaindo-se, contudo, no âmbito da filosofia, especialmente ao tornar-se discípula de Edmund Husserl, cujo pensamento fenomenológico exerceu influência decisiva em sua formação intelectual.

Dotada de notável capacidade empática, Edith Stein dedicou-se com profundidade não apenas à temática do feminino, mas também aos campos da pedagogia, da psicologia, da vida comunitária e da formação integral da pessoa humana. Nesse horizonte, sobressai sua contribuição para a compreensão do feminino, temática transversal em sua obra filosófica e intimamente articulada à sua experiência biográfica.

A partir desse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo explicitar a compreensão do feminino sob a ótica de Edith Stein, por meio da análise das obras *A mulher segundo a natureza e a graça* (1999) e *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos* (2018). Busca-se, assim, responder às seguintes questões: O que é o feminino na perspectiva steiniana? De que modo o pensamento da filósofa tornou-se, e permanece, relevante para as mulheres na sociedade contemporânea?

Para Edith Stein, o feminino e o masculino configuram-se de modo complementar, e dessa forma não deveria haver oposição ou rivalidade entre ambos. A justificativa desta pesquisa reside, portanto, na necessidade de explicitar essa concepção, a fim de compreender sua necessidade no contexto atual e sua contribuição para a valorização da mulher em uma sociedade ainda marcada por desigualdades de gênero.

Desse modo, esta investigação caracteriza-se como um estudo de natureza reflexivo-bibliográfica, fundamentado em uma abordagem conceitual-hermenêutica, que propõe-se a analisar a compreensão do feminino no pensamento de Edith Stein, articulando sua reflexão teórica à sua experiência biográfica. A relevância do estudo reside na atualidade de seu pensamento, que permanece fecundo para a valorização da mulher e para a construção de sua identidade pessoal e social, para além de reducionismos históricos ou ideológicos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, o trabalho está estruturado em três capítulos articulados entre si. O primeiro capítulo investiga a influência da figura materna na formação humana e intelectual de Edith Stein, a partir da análise de seus escritos autobiográficos. O segundo capítulo expõe os fundamentos do pensamento steiniano sobre o feminino, em perspectiva filosófico-antropológica. Por fim, o terceiro capítulo discute a atualidade de suas contribuições para a compreensão da mulher no contexto contemporâneo.

2. EDITH STEIN: A FORMAÇÃO DE UMA FILÓSOFA

Edith Stein vivenciou, desde a infância, o protagonismo feminino no interior de sua própria família, sobretudo por meio da figura materna, Auguste Courant Stein (1849–1936), cuja presença exerceu influência significativa não apenas sobre sua formação, mas também sobre a educação e o desenvolvimento de suas irmãs. A mãe não representou apenas um referencial afetivo, mas constituiu um núcleo formativo decisivo para a estrutura ética e intelectual da futura filósofa. Ao reconhecer na senhora Stein um modelo de responsabilidade

e autonomia, Edith desenvolveu potencialidades próprias que orientariam sua compreensão da pessoa humana e da vocação feminina.

Tais capacidades, integradas desde a infância e cultivadas ao longo de toda a vida, foram posteriormente assimiladas em sua reflexão filosófica e pedagógica, especialmente no que se refere à educação feminina, compreendida por Edith Stein como um processo formativo integral, orientado ao despertar da vocação pessoal da mulher e à plena realização de sua dignidade enquanto pessoa humana.

2.1 A relevância da figura materna na formação de Edith Stein

A autobiografia de Edith Stein e os relatos referentes à sua família ultrapassam o registro de acontecimentos corriqueiros, revelando, de modo significativo, os valores assimilados desde os primeiros anos de vida. Trata-se de uma narrativa que confere densidade humana e histórica às memórias de uma família judia, na medida em que expõe experiências concretas de vida marcadas por vínculos afetivos, responsabilidade ética e perseverança diante das adversidades.

Tais vivências não se apresentam como simples recordações, mas como elementos formativos, pois atuam diretamente na constituição pessoal da filósofa, moldando sua sensibilidade ética e afetiva, e, simultaneamente, oferecem o horizonte existencial a partir do qual se desenvolve sua reflexão acadêmica, especialmente no que se refere à compreensão da pessoa humana.

Os relatos autobiográficos de Stein despertam no leitor o interesse em compreender o sentido da verdade que a autora buscou de modo incansável ao longo de sua trajetória intelectual e existencial, entendida não apenas como adequação entre pensamento e realidade, mas como fundamento último capaz de conferir unidade e sentido à existência humana. Tal busca se desenvolveu em meio a experiências de sofrimento e dor que acompanharam sua vida até a maturidade, compreendidas como vivências existenciais que, longe de serem episódicas, contribuíram decisivamente para o amadurecimento de sua consciência.

Ao recordar o ambiente no qual cresceu, Stein destaca a dimensão ética e solidária presente na convivência cotidiana da comunidade judaica, como expressa em suas palavras: “Muitas pessoas conviveram com famílias judias, empregados, vizinhos, colegas de escola e de universidade, e neles encontraram bondade de coração, compreensão, compaixão calorosa e solidariedade” (Stein, 2018, p. 21).

As narrativas transmitidas por sua mãe, Auguste Courant Stein, sobre a história familiar eram repletas por lembranças autênticas, que retratavam o cotidiano da comunidade judaica de forma natural e sem idealizações excessivas. Esses relatos explicitavam relações afetivas vividas com simplicidade e profundidade, tornando as experiências familiares mais concretas e humanizadas. Edith Stein reconhece a importância desse exercício de memória ao afirmar:

Ela sempre foi uma grande narradora; e como eu não podia esperar que ainda escrevesse em sua idade já avançada – ela tem 84 anos – quis que ela ao menos contasse suas memórias para mim, a fim de eu transcrever suas palavras com a maior fidelidade possível. Mas também isso se tornou muito difícil. Nunca conseguíamos momentos tranquilos para essa tarefa. Precisei, então, fazer-lhe as perguntas certas para dar ordem e clareza à torrente de memórias (Stein, 2018, p. 21).

Edith Stein era a filha mais nova do casal Siegfried Stein e Auguste Courant, entre os sete filhos vivos, dois homens e cinco mulheres. Com o falecimento precoce do pai, em 1893, quando Edith ainda era criança, iniciou-se um período decisivo para sua formação, no qual a figura materna assumiu papel central.

Auguste Stein tornou-se, especialmente para a filha caçula, um exemplo concreto de força, autonomia e responsabilidade. Mesmo diante das pressões familiares para vender o negócio endividado do marido falecido, Auguste manteve-se firme em suas decisões, como relata Edith:

Naturalmente ela devia vender a loja que estava endividada e talvez mudar para uma casa maior, a fim de alugar quartos mobiliados. Os tios ajudariam a completar o que faltasse. Minha mãe ouviu tudo calada, contentando-se em dirigir à sua filha mais velha, com 17 anos na ocasião, um olhar que dizia muito. Sua decisão já estava tomada. Ela enfrentaria a situação sozinha e não aceitaria a ajuda de ninguém. Manteria a loja e faria crescer os negócios (Stein, 2018, p. 43).

Na condição de viúva, Auguste Stein assumiu a administração do negócio da família com grande empenho, conciliando o trabalho árduo com a responsabilidade pelo sustento e pela educação dos filhos. Essa postura influenciou de maneira significativa a formação do pensamento de Edith Stein, especialmente no que diz respeito à compreensão do papel da mulher em uma sociedade predominantemente masculina, na qual o acesso feminino ao mundo acadêmico e profissional era restrito. A mãe não apenas desempenhou o papel tradicional de cuidadora, mas também contribuiu decisivamente para a formação afetiva, moral e ética da filha.

O apreço de Edith Stein pelos estudos manifestou-se desde cedo. Aos seis anos de idade, solicitou à mãe que a retirasse do jardim de infância para ingressar no ensino primário, submetendo-se a uma avaliação que comprovasse sua aptidão. Posteriormente, foi admitida no

Liceu de sua cidade natal, onde também estudava sua irmã Erna. Ao recordar esse período, Stein observa: “Fisicamente, Erna parecia muito mais velha que eu. Mas quando eu abria a boca, todos se espantavam com o “poço de sabedoria” que era aquela pequena senhorita” (Stein, 2018, p. 70).

Entretanto, aos quatorze anos, apesar de ter recebido uma educação religiosa sólida na tradição judaica familiar, Edith Stein atravessou uma profunda crise existencial caracterizada pela busca de sentido e de verdade no fundamento do ser. Tal experiência pode ser interpretada como uma etapa decisiva de sua formação pessoal e intelectual, marcada pela tensão entre a tradição herdada e a exigência interior de fundamentar racionalmente as próprias convicções.

Durante a adolescência, afastou-se da fé, deixando de acreditar em Deus e distanciando-se tanto da prática religiosa quanto do ambiente escolar. Ainda assim, os valores éticos e a formação moral transmitidos por sua mãe permaneceram como referência estruturante de sua personalidade.

Essa influência materna torna-se particularmente evidente nas recordações da própria infância de Edith Stein, conforme ressalta Elisabeth de Miribel ao comentar o testemunho autobiográfico da filósofa:

Já adulta, Edith recordaria seu tempo de criança da seguinte maneira: “Em nossa casa não havia regras de educação. Líamos no coração de mamãe, como num livro aberto, como nos devíamos comportar. Mamãe ensinava-nos o horror ao mal. Quando dizia: ‘é um pecado’, isto significava para nós o cúmulo da lealdade e da maldade, e ficávamos consternados” (Miribel, 2001, p. 37).

Embora Auguste Stein se referisse a Deus e à fé de maneira discreta, e apesar do profundo respeito de Edith pela mãe, esse período foi marcado por certo distanciamento entre ambas. Em 1906, Edith mudou-se para a casa da irmã mais velha, Else, para auxiliá-la no cuidado dos filhos.

Dois anos depois, aos dezesseis anos, decidiu retomar os estudos no Liceu, com o objetivo claro de ingressar na universidade, mesmo em um contexto histórico no qual a presença feminina no meio acadêmico era extremamente limitada. Auguste não apenas apoiava, mas também celebrava com orgulho as conquistas intelectuais da filha caçula, como testemunha Edith:

Minha mãe ficou tão orgulhosa que mostrou o diploma até aos seus colegas de trabalho. Anos mais tarde, fiquei sabendo, por amigos comuns, que um deles fez uma cópia e a mostrava entre os seus próprios amigos (Stein, 2018, p. 217).

Concluído o ensino médio, Edith Stein prestou o exame de admissão à universidade movida pelo desejo de esclarecer suas inquietações existenciais e intelectuais,

permanecendo, ainda, em busca da verdade, compreendida como a aspiração por um conhecimento que não se limitasse ao âmbito teórico, mas que fosse capaz de integrar razão, experiência e sentido existencial, e que orientaria sua vida.

Nesse período, envolveu-se em grupos comprometidos com propostas de renovação das estruturas políticas e sociais vigentes, especialmente no que se refere à educação e aos direitos das mulheres, com especial atenção às questões pedagógicas e à condição feminina na sociedade.

Desde cedo, demonstrou interesse pela natureza do ser humano, o que a conduziu inicialmente ao estudo da psicologia. Contudo, ao aprofundar suas investigações, reconheceu que essa disciplina não era suficiente para responder plenamente às questões fundamentais que a inquietavam, abrindo caminho para sua posterior dedicação à filosofia.

2.2 A vida adulta até a conversão ao catolicismo

Edith Stein teve acesso à obra *Investigações lógicas*, de Edmund Husserl, por intermédio de um professor, iniciando assim seu primeiro contato com aquele que se tornaria seu mestre. A leitura da obra foi decisiva para Stein, pois despertou nela a convicção de que, finalmente, poderia encontrar instrumentos conceituais capazes de oferecer respostas às inquietações que a acompanhavam desde a adolescência, ligadas à necessidade de um conhecimento rigorosamente fundamentado. Dessa forma, a fenomenologia apresentou-se como um caminho de investigação capaz de ir além dos limites do psicologismo.

Movida por esse novo horizonte intelectual, Stein decidiu deixar Breslávia para estudar na Universidade de Gotinga. Contou, para isso, com a aprovação da mãe e com a garantia do sustento financeiro necessário, ainda que Auguste Stein manifestasse preocupação quanto ao distanciamento da filha em relação à fé, indicando a tensão entre o incentivo à autonomia intelectual de Edith e a apreensão materna diante da possível perda dos referenciais espirituais transmitidos no âmbito familiar. Tal decisão revela, mais uma vez, a postura materna de apoio à formação intelectual de Edith, mesmo quando isso implicava apreensão pessoal.

Em 1913, dando continuidade aos estudos em Gotinga e participando dos seminários de Husserl, Edith Stein aprofundou-se no método fenomenológico, centrado na investigação dos fenômenos a partir da estrutura corpo–psique–espírito. Nessa concepção tríplice, o corpo é compreendido como o meio pelo qual a pessoa se situa no mundo e se expressa, registrando as sensações corpóreas e os instintos; a psique abrange o conjunto das vivências afetivas, como sentimentos e sensibilidades que incluem os impulsos e as emoções;

e o espírito corresponde à dimensão mais profunda da pessoa humana, na qual se manifesta a autoconsciência constituído pelas reflexões e decisões. Essa compreensão da pessoa humana tornar-se-ia central em toda a produção filosófica posterior de Stein.

O rigor intelectual e o envolvimento de Edith Stein com a pesquisa filosófica impressionaram Husserl, que a convidou a integrar o Círculo de Fenomenólogos de Gotinga. Nesse contexto, Stein teve contato com importantes pensadores, entre eles Max Scheler, filósofo judeu convertido ao catolicismo. A convivência com Scheler contribuiu para que Stein começasse a questionar algumas de suas concepções anteriores acerca da fé, ainda que sua adesão religiosa não fosse imediata.

Em 1914, Stein iniciou a redação de sua tese de doutorado, intitulada *Sobre o problema da empatia*, no mesmo ano em que teve início a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Em 1915, diante da gravidade do conflito, interrompeu temporariamente seus estudos e decidiu atuar como voluntária na Cruz Vermelha, mesmo sem a aprovação explícita de sua mãe. A atitude de Edith Stein diante dessa decisão, marcada pelo silêncio, manifesta uma forma singular de presença materna, na qual a dor contida se alia ao cuidado concreto e à dedicação responsável, como se evidencia no relato a seguir:

Minha mãe não disse nenhuma palavra e ficou silenciosa e abatida durante muitos dias – um estado de ânimo que normalmente se espalhava por toda a casa. Logo que comecei os preparativos, ela se encarregou de cuidar com naturalidade do pequeno enxoval para uma enfermeira (Stein, 2018, p. 415).

Em 1916, ao regressar a Breslávia, Edith Stein foi convidada a lecionar na escola em que havia estudado. No mesmo ano, defendeu sua tese de doutorado, obtendo a nota máxima. No ano seguinte, Edmund Husserl a convidou para atuar como sua assistente em Friburgo, função que exerceu durante dois anos, colaborando voluntariamente na organização e revisão dos manuscritos do mestre. A tese foi publicada em 1917, ainda que de forma incompleta, contendo apenas os capítulos II e IV, em razão da escassez de recursos materiais provocada pela guerra.

A morte de seu amigo Adolf Reinach, ocorrida em 1917, constituiu um momento decisivo em sua trajetória espiritual. Profundamente comovida pela atitude de fé de Anna Reinach, viúva do filósofo, Stein teve seu primeiro contato existencial com o mistério da cruz, ao perceber como a fé cristã oferecia sentido e esperança mesmo diante do sofrimento e da morte. Esse episódio levou Edith Stein a compreender que a dor, quando assumida à luz da fé, pode tornar-se um caminho de acesso à verdade e à abertura para a transcendência.

Entre 1920 e 1921, Edith Stein enfrentou uma nova crise interior compreendida como um momento de tensão entre as conquistas intelectuais já alcançadas e a insuficiência

destas para responder plenamente às exigências espirituais do sentido da existência. Foi nesse contexto que teve contato com a *Vida de Santa Teresa de Ávila*, experiência que representou um ponto culminante em seu itinerário espiritual: “Quando caiu em minhas mãos o livro da Vida de nossa Santa Teresa e minha longa procura pela verdadeira fé chegou ao fim” (Stein, 2018, p. 543).

Essa leitura de Teresa de Ávila não constituiu um acontecimento isolado ou repentino em seu processo de conversão, mas configurou-se como um ponto de convergência de um longo itinerário interior, no qual experiências intelectuais, existenciais e espirituais já haviam preparado o terreno para a adesão à fé cristã. Tal decisão, entretanto, não foi acolhida sem sofrimento no âmbito familiar, sobretudo por sua mãe, para quem a escolha da filha representou uma dor profunda:

Quando fui batizada no ano de 1922, já pensei que era a preparação para entrar na ordem carmelita. Alguns meses depois, no entanto, encontrei-me de novo com minha querida mãe, depois de meu batismo, e ficou claro para mim que ela não aguentaria esse novo golpe. Ela não morreria por esse fato, mas seria tomada de uma amargura pela qual eu não queria ser responsável (Stein, 2018, p. 543).

Edith Stein sempre reconheceu em sua mãe uma verdadeira heroína, uma mulher forte, marcada por uma infância difícil, por perdas precoces e por constantes desafios materiais, enfrentados com coragem e dignidade. Ao recordar sua infância, Stein destaca a postura firme e trabalhadora de Auguste:

Mantivemos na nossa infância costumes moderados, seja na casa, seja na alimentação e nas roupas, mas nunca nos sentimos pobres. Minha mãe trabalhava de manhã até a noite, o que nos inibia de fazer grandes exigências ou manifestar desejos excessivos. Ela sempre foi atenta para que não ficássemos em posição inferior à das outras crianças (Stein, 2018, p. 58).

Ao comunicar sua conversão, Stein esperava uma reação de confronto por parte da mãe. No entanto, apesar da tristeza e da incompreensão inicial, Auguste Stein acolheu a filha com respeito e afeto, reconhecendo a transformação interior que a fé havia operado em sua vida. O vínculo entre mãe e filha permaneceu sustentado pelo amor profundo e pela admiração mútua, mesmo diante das divergências religiosas.

Edith permaneceu com a família por seis meses antes de ingressar definitivamente no Carmelo. Esse tempo, vivido sobretudo ao lado da mãe, foi fundamental para que Auguste pudesse perceber a autenticidade da experiência espiritual da filha e compreender que, apesar das diferenças confessionais, a busca por Deus permanecia sincera. Em todas as ocasiões em que manifestou apreensão diante das decisões de Edith, seja em relação aos estudos, à guerra ou à conversão, sua postura esteve sempre motivada pelo zelo e pelo cuidado materno.

Essas atitudes constituíram, para Edith Stein, exemplos concretos de amor,

respeito e fidelidade à própria consciência, permitindo-lhe espelhar-se na mãe e fortalecer-se para enfrentar os espaços acadêmicos e sociais predominantemente masculinos de seu tempo. O reconhecimento do profissionalismo de Auguste Stein era amplamente difundido, como relata Edith:

Certa vez, uma velha amiga de minha mãe disse ao nos visitar: “Vou lhes contar o que ouvi no bonde. Uns senhores conversavam sobre o comércio de madeira em Breslávia, quando um deles falou: ‘Você sabe quem é o melhor comerciante no ramo? Pois bem, o melhor é a senhora Stein...’” (Stein, 2018, p. 68).

Assim como Auguste Stein se destacou em um meio majoritariamente masculino, Edith Stein também conquistou reconhecimento em ambientes tradicionalmente reservados aos homens. Apesar das dificuldades enfrentadas por ser mulher, judia e, posteriormente, convertida ao catolicismo, a filósofa atuou como professora e escritora, dedicando-se à filosofia, à educação e à teologia.

Embora a conversão de Edith tenha sido motivo de sofrimento para sua mãe, a relação entre ambas permaneceu alicerçada no cuidado e na afeição. Para Stein, Auguste foi não apenas sua principal formadora humana, mas também seu primeiro testemunho de uma vida espiritual autêntica. Ao recordar essa afirmação materna, Stein reconhece em Auguste um testemunho formativo de espiritualidade, marcada pela humildade, pela ação e pela confiança em Deus:

Ela me disse algo que significava para ela provar a existência de Deus: “Não posso imaginar que tudo que consegui realizar se deva somente às minhas próprias forças”. Seguramente é verdade. Mas também é verdade que seus dons naturais muito contribuíram (Stein, 2018, p. 67-68).

Mesmo após sua conversão ao catolicismo, Edith Stein continuou a enfrentar resistências e limitações decorrentes tanto de sua condição feminina quanto de sua origem judaica, o que dificultou sua trajetória acadêmica e profissional, apesar de sua sólida formação intelectual. Ainda assim, tais adversidades não a impediram de realizar sua vocação intelectual, atuando como conferencista e educadora, além de se dedicar intensamente à produção filosófica e teológica.

Nesse percurso, o vínculo com a figura materna revelou-se decisivo para a constituição de sua personalidade filosófica, pois foi na experiência concreta de uma vida feminina marcada pela responsabilidade e pela autonomia que Stein encontrou um horizonte formativo fundamental para sua compreensão da pessoa humana.

3. O PENSAMENTO STEINIANO SOBRE O FEMININO

No contexto histórico em que Edith Stein viveu, o acesso das mulheres à universidade era marcado por profundas restrições e exigia constantes esforços de afirmação. Diferentemente do que ocorre nos dias atuais, a presença feminina nos espaços acadêmicos e filosóficos não era garantida e, em muitos casos, era apenas tolerada. No âmbito filosófico e, de modo particular, no contexto eclesiástico, a participação das mulheres permanecia limitada e frequentemente vista com desconfiança, o que tornava ainda mais desafiadora a inserção feminina nesses ambientes.

No pensamento de Edith Stein, a mulher não é reduzida à dimensão da procriação nem circunscrita exclusivamente às funções relacionadas ao matrimônio e à maternidade. A filósofa reconhece que a mulher, assim como o homem, possui predisposição natural para múltiplas áreas de atuação, incluindo as atividades artísticas, científicas e intelectuais. Tal perspectiva torna-se ainda mais evidente quando a filósofa examina o deslocamento da mulher do espaço doméstico para a esfera pública:

Um desenvolvimento que muitos pressentiram, que poucos queriam e implementaram ativamente, que surpreendem a maior parte das pessoas, arrancou as mulheres de dentro do âmbito protegido da casa e de formas de vida perfeitamente assimiladas, colocando-as nas mais diversas situações desconhecidas e diante de problemas práticos insuspeitados (Stein, 1999, p. 105).

Para Edith Stein, a alma ocupa uma posição mediadora entre a dimensão psíquica e a espiritual, sendo por meio dela que se realiza a integração dessas dimensões, de modo que o corpo é compreendido como corpo vivificado e não como mera realidade biológica. Nesse horizonte antropológico, a alma vivifica o corpo ao articular as dimensões sensível, afetiva e espiritual, garantindo a unidade e a coesão dinâmica da pessoa humana.

A força vital, por sua vez, é entendida como energia interior que sustenta as vivências, que impulsiona a atividade psíquica e possibilita a abertura do espírito ao conhecimento e aos valores. Não se trata de um princípio meramente fisiológico, mas de uma expressão da interioridade pessoal, enraizada na alma enquanto centro vivificante da pessoa.

Dessa forma, a força vital expressa a presença de um princípio interior que orienta o desenvolvimento da pessoa em direção à realização de sua essência e de sua vocação própria, evidenciando que, na antropologia steiniana, a vida humana se estrutura como uma unidade dinâmica em que corpo, psique e espírito se encontram organicamente integrados.

Assim, a vida profissional, especialmente no caso da mulher, não se reduz a uma escolha meramente externa ou circunstancial, mas configura-se como uma decisão interior, uma vocação que nasce da disposição íntima de seguir o caminho reconhecido como próprio.

Ainda que reservada em sua postura pessoal, Stein foi descrita por aqueles que com ela conviveram como uma mulher de convicções firmes, cuja coerência entre pensamento e ação tornava visível a autenticidade de seus ideais.

Ao tratar da vocação, a filósofa recorre às fontes da tradição cristã, destacando a singularidade do chamado de cada pessoa:

Quanto à vocação do ser humano e da mulher encontramos explicações na Sagrada Escritura e sua interpretação na doutrina e na tradição da Igreja. (Da parábola dos talentos e da palavra do apóstolo sobre a diversidade de dons podemos concluir que deve haver um objetivo individual (Stein, 1999, p. 119).

Edith Stein viveu em um período de intensas mudanças relativas à condição feminina. Muitas de suas inquietações existenciais decorreram do fato de a filósofa revelar, desde cedo, uma maturidade intelectual precoce. A autora não demonstrava interesse por estudos meramente simples ou excessivamente teóricos, o que evidencia sua busca por um conhecimento enraizado na experiência.

Reconhecida e elogiada por intelectuais de sua época, Stein pode ser compreendida, nesse sentido, como uma pensadora de seu tempo e para além dele, ao afirmar uma compreensão fenomenológica segundo a qual o saber não se limita à abstração, mas exige a experiência vivida e a formação integral da pessoa humana.

Quando Edith Stein ingressou na universidade, a presença feminina nesses espaços começava a se tornar possível, embora ainda estivesse marcada por severas limitações jurídicas e sociais. As mulheres não dispunham de direitos civis fundamentais, como o direito ao voto, e, no âmbito acadêmico, seu acesso era frequentemente restrito a áreas consideradas “adequadas” à sua condição, sobretudo aquelas ligadas à formação pedagógica e à educação infantil.

Ao envolver-se com o movimento sufragista, Edith Stein vivenciou diretamente os esforços históricos em prol da igualdade de gênero e da conquista do direito ao voto feminino, que, à época, permanecia reservado exclusivamente aos homens, apesar de se tratar de um direito essencial à participação plena na vida social e política.

Desde jovem, a filósofa percebia-se como alguém singular, movida por inquietações profundas e por um desejo constante de compreender o sentido da realidade e da existência humana. Sua aproximação inicial com a psicologia, contudo, revelou-se frustrante, na medida em que essa disciplina lhe parecia insuficiente para responder às questões mais radicais que a inquietavam.

Foi por meio da fenomenologia de Edmund Husserl que Stein vislumbrou a possibilidade de um novo caminho metodológico, deixar que as coisas se manifestassem por

si mesmas, para então descrevê-las com rigor e fidelidade. Esse método não apenas orientou sua investigação filosófica, mas também foi aplicado por Stein à reflexão sobre a condição feminina. A partir de suas próprias questões existenciais, a filósofa compreendeu a centralidade da pessoa e a necessidade de reconhecer o ser humano como um sujeito pessoal com interioridade e liberdade.

Com os estudos fenomenológicos, Stein aprofundou a compreensão de que a constituição do ser humano ocorre no encontro com o outro, especialmente por meio da empatia (*Einfühlung*), tema central de sua tese de doutorado. Essa noção permitiu-lhe refletir sobre as relações humanas e sobre a especificidade do feminino sem recorrer a reducionismos biológicos ou sociológicos.

Em 1919, Stein participou de mais uma mobilização em defesa dos direitos das mulheres, agora no campo político, vinculando-se ao Partido Democrático, que, assim como o movimento feminista, reivindicava a igualdade entre homens e mulheres, sobretudo no que se refere ao trabalho fora do âmbito doméstico. Atenta às demandas femininas de seu tempo, Edith Stein analisou o movimento feminista de maneira crítica:

O movimento feminista mais radical exigia o acesso a todas as profissões e liberação de todas e todos os níveis de educação. Foram necessárias lutas renhidas para avançar passo a passo, até que, na Alemanha, a revolução trouxe de repente a realização de quase todas as exigências. No início do movimento, ingressaram na vida profissional sobretudo mulheres com vocação e inclinação para determinada atividade (Stein, 1999, p. 125).

No âmbito da antropologia do feminino, o pensamento steiniano rejeita qualquer concepção que situe a mulher como ser oposto ou inferior ao homem. Ao contrário, afirma a plena dignidade de ambas as naturezas, masculina e feminina, reconhecendo que a graça se insere na própria natureza humana sem distinção de gênero. Como expressa a própria filósofa:

Deus criou o ser humano como homem e mulher e ambos segundo a sua imagem. Só do modo de ser próprio do homem e da mulher, desenvolvidos em sua pureza, resulta a maior similaridade possível com Deus e a maior permeação de toda vida terrena pela vida divina (Stein, 1999, p. 71).

Nesse horizonte antropológico e teológico, entendido como a articulação entre a compreensão filosófica da pessoa humana e sua abertura à dimensão transcendente, Edith Stein reconhece em Maria o grande arquétipo do feminino, no qual se unem, de modo singular, as dimensões da virgindade e da maternidade.

No modelo de consagração manifestado em Nossa Senhora, a filósofa identifica uma fecundidade que ultrapassa o âmbito biológico e se realiza espiritualmente. Assim, mesmo as mulheres chamadas à vida religiosa participam de uma maternidade espiritual, expressa na doação total de si ao serviço de Deus e dos outros, conforme afirma Stein:

Mas, vida divina é amor, amor transbordante que nada exige para si, que se doa livremente, amor que se inclina misericordioso para todo ser carente, amor que cuida e conserva, alimenta, ensina e forma, amor que se entristece com os tristes e que se mostra alegre com os alegres, que se põe a serviço de todo ser para que este se torne aquilo que o Pai lhe destinou, numa palavra: o amor do coração divino. (Stein, 1999, p. 64).

Na essência feminina, compreendida como a estrutura própria do ser da mulher, Edith Stein reconhece a afetividade como um traço característico. Essa afetividade é compreendida como a capacidade de acolher e integrar as vivências emocionais que emergem dos acontecimentos.

Para a filósofa, é no amor que se manifesta de forma privilegiada o dom de si, entendido como disposição interior para a entrega ao outro. Tal doação pode assumir diversas formas, na maternidade, na vida consagrada ou na atuação ativa da mulher na sociedade, sempre orientada para o cuidado, a formação e a promoção da pessoa humana. A esse respeito, Stein descreve a afetividade nos seguintes termos:

Afetividade se manifesta em sentimentos (alegria, tristeza), disposições (jovialidade, abatimento), em atitudes (entusiasmo, revolta), emoção (amor, ódio), que são expressão do confronto do ser humano com o mundo (e consigo mesmo). São emoções da vida que movimentam o nosso ânimo, para despertá-lo, é necessário pô-lo em contato com algo que emocione (Stein, 1999, p. 122).

Para Edith Stein, o mistério da Encarnação possui uma profundidade singular, pois nele se revela o acontecimento decisivo do divino que adentra a história humana por meio de uma mulher. O fato de Deus ter assumido a condição humana ao ser gerado no seio de uma mãe confere à vocação feminina uma dignidade particular, na medida em que o Redentor nasceu de uma mulher que viveu plenamente a experiência da maternidade no mundo humano.

Nesse contexto, Stein destaca a urgência de que a constituição feminina se traduza, na prática, em um amor ativo e operante, capaz de influenciar positivamente a formação interior da pessoa e de manifestar ao mundo um modo concreto de agir e de se relacionar com o outro. A maternidade biológica, elevada e transformada pela graça, encontra em Maria o seu centro histórico e simbólico, tornando-se referência para a compreensão do feminino cristão. Nesse sentido, Stein explicita o objetivo da formação feminina cristã nos seguintes termos:

O objetivo duplo da formação feminina cristã consiste, portanto, em tornar a mulher capaz de cumprir seus deveres em sentido natural e sobrenatural como esposa e mãe, ou de dedicar todas as suas forças ao reino de Deus na virgindade consagrada a Deus. (Não se pretende estabelecer com isso a alternativa de casamento ou vida religiosa. Tudo indica que o nosso tempo precisa, ao lado dos conventos que certamente não estão “ultrapassados”, de pessoas que levem “no mundo” uma vida consagrada a Deus) (Stein, 1999, p. 121).

Considerando que Edith Stein compreende homem e mulher em relação de complementaridade e não de oposição, a distribuição das tarefas próprias de cada sexo assume relevância sobretudo no âmbito da educação e da formação religiosa. Para a filósofa, tais responsabilidades devem respeitar as especificidades do modo de ser masculino e feminino.

Nessa linha interpretativa, como observa Juvenal Savian:

Dessa perspectiva, falar da alma feminina ou da alma masculina consiste, para Edith Stein, em garantir a possibilidade de pensar que indivíduos mulheres e indivíduos homens sejam vistos em sua inegociável singularidade, mas com modos de ser que são comuns aos companheiros de espécie (Savian, 2019, p. 32).

Em vista desse panorama antropológico e teológico, cabe de modo particular à mulher exercer uma função mediadora em relação à humanidade, entendida como o conjunto das pessoas enquanto seres capazes de autodoação, responsabilidade e orientação ao bem. Tal mediação pode ocorrer por meio da maternidade natural ou da maternidade espiritual.

Em ambas as formas, a vocação feminina se expressa como serviço à vida. Esse serviço não se restringe à geração biológica, mas abrange a promoção, a proteção e o cultivo da vida em sua totalidade física, psíquica, moral e espiritual, favorecendo o amadurecimento interior da pessoa, sua capacidade de reconhecer valores e de agir de modo livre e responsável.

3.1 A correlação entre o masculino e o feminino

Para Edith Stein, o masculino e o feminino encontram-se intrinsecamente correlacionados, apesar das distinções próprias de cada um. A filósofa reconhece, à luz da Sagrada Escritura, que homem e mulher compartilham uma mesma origem e uma mesma vocação, fundada em uma aptidão divina comum, enquanto seres humanos, ambos são chamados a refletir a imagem e a semelhança de Deus.

Ainda que existam particularidades que os diferenciem, essas não implicam oposição ou hierarquização, mas indicam modos diversos de participação em uma mesma missão. Nesse sentido, ao interpretar o relato bíblico da criação, Stein afirma:

Que sejam a imagem de Deus, que tenham descendência e que dominem sobre a terra. Não se diz que essa missão tripla deva ser realizada pelo homem e pela mulher de outra maneira: no máximo é possível encontrar nesse contexto uma insinuação pelo fato de mencionar a diferença sexual (Stein, 1999, p. 75).

No que se refere à criação do ser humano, Edith Stein identifica a união entre as duas espécies, masculina e feminina, a partir da complementaridade que se manifesta no primeiro casal. Embora Adão exercesse domínio sobre os animais, ele ainda não encontrava um ser que lhe fosse verdadeiramente semelhante. Eva é criada como um “espelho” de Adão,

semelhante em dignidade e natureza, mas distinta em sua forma de ser. Tal complementaridade é expressa pela filósofa nos seguintes termos:

Mas pode se pensar também numa contra-parte de modo que ambas se assemelhem, mas não totalmente, que se complementem como uma mão a outra. “E o Senhor Deus disse: Não é bom que o homem esteja só, façamos-lhes uma ajudante semelhante a ele” (Stein, 1999, p. 76).

A criação do homem antes da mulher indica uma primazia de ordem cronológica, ainda que a mulher tenha sido criada posteriormente, a narrativa bíblica evidencia que ambos somente alcançam a plenitude de sua vocação quando estão unidos, sobretudo no que se refere à geração da descendência. Tal ordem de criação não estabelece superioridade nem inferioridade, mas revela a necessidade de reciprocidade entre homem e mulher para a realização plena da humanidade.

Essa compreensão encontra um paralelo na própria vida trinitária. A Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, manifesta que nem mesmo Deus é solidão, mas comunhão. O amor, portanto, só se realiza na relação, exigindo ao menos duas partes para que haja doação e acolhimento recíprocos. Stein sustenta que a condição originária do primeiro casal pode ser compreendida da seguinte maneira:

Assim, dá-se a entender que a vida do primeiro casal humano deva ser entendida como a mais íntima comunidade de amor, que tenham cooperado com harmonia perfeita das forças, assim como, antes da queda, em cada um deles, individualmente, todas as forças eram cheias de harmonia, os sentidos e a mente na proporção certa, sem possibilidade de antagonismos (Stein, 1999, p. 77).

Entretanto, essa cooperação originária entre o masculino e o feminino sofre uma ruptura com a queda. Seduzida pela proposta do pecado, Eva envolve Adão, e ambos cedem ao mal, ocasionando a perda da comunhão inicial e a expulsão do paraíso. A tentativa de Adão de atribuir a culpa exclusivamente para Eva é negada, e as consequências da queda atingem igualmente os dois.

A partir desse momento, a harmonia original é substituída por tensões e assimetrias: o homem passa a enfrentar o trabalho árduo para obter o sustento, enquanto a mulher se vê submetida ao domínio masculino, que se manifesta como exercício desordenado de poder. Nesse contexto, Stein propõe uma leitura que evita atribuir à mulher qualquer inferioridade moral, afirmando:

O fato de o tentador ter se aproveitado primeiro da mulher pode significar que, com ela, teria acesso mais fácil, não porque a mulher em si pudesse ser levada mais facilmente ao caminho do mal (ambos ainda estavam livres de qualquer inclinação para o mal, mas porque aquilo que lhe foi apresentado era para ela mais importante) (Stein, 1999, p. 79).

No pensamento steiniano, o masculino tende mais à racionalidade, enquanto o

feminino manifesta maior inclinação à afetividade. Essas diferenças, longe de constituírem oposição, revelam modos diversos de relação com o mundo e permitem estabelecer um elo significativo entre pecado e redenção. Se a origem da humanidade se deu por meio de um casal, Adão e Eva, a economia da redenção apresenta uma nova estrutura pela relação entre mãe e filho, Maria e o Redentor. A partir dessa leitura simbólica da criação e da redenção, Stein sustenta:

O que distingue o sexo feminino é o fato de ter sido uma mulher o ser humano escolhido para ajudar a fundar o novo reino de Deus; o que distingue por sua vez o sexo masculino é o fato de a redenção ter chegado pelo filho do homem, o novo Adão (Stein, 1999, p. 80).

No âmbito religioso, é recorrente a ênfase na obediência da mulher ao marido, contudo, com menor destaque, a Sagrada Escritura afirma de modo igualmente explícito que o esposo deve amar a esposa como a si mesmo. À luz da redenção operada por Cristo e de Maria, compreendidos como o Novo Adão e a Nova Eva, abre-se a possibilidade de restaurar a relação originária de complementaridade entre o masculino e o feminino.

Embora inserida em um contexto historicamente patriarcal, cujos resquícios ainda se fazem presentes na sociedade contemporânea, a tradição bíblica continua a fundamentar a compreensão das relações humanas na igual dignidade da pessoa. Nesse sentido, o cristianismo não anula as diferenças entre os sexos, mas as compreende como expressão de uma mesma vocação humana.

Em consonância com essa perspectiva, Marly Carvalho ressalta:

Não importa que sejamos homens ou mulheres, mas sim que sejamos pessoas comandadas por uma vontade racional e não uma vontade natural e arbitrária. Só a partir do resgate desta experiência fundante entre pessoas de gênero diferente é que podemos ter a pretensão de dignificar todas as relações pessoais, grupais, coletivas, sagradas e políticas (Carvalho, 2011, p. 257).

No que se refere à correlação entre o masculino e o feminino, especialmente no contexto da primazia cronológica da criação, Edith Stein reconhece no homem a atribuição do domínio sobre a terra, a natureza e os animais, tarefa que expressa uma dimensão específica de sua vocação. À mulher, por sua vez, é atribuída uma sensibilidade particular voltada para o cuidado da vida, na qual o instinto maternal se apresenta como elemento fundamental. Tal sensibilidade é descrita por Stein nos seguintes termos:

Desta maneira, ela se revela sensível e atenta a tudo que vir a ser, crescer, desenvolver-se e que, por isso mesmo, exige consideração para com suas próprias leis. Essa percepção do orgânico e específico é benéfica não só à prole, mas a todas as criaturas, sobretudo também ao homem, fazendo dela a companheira e ajudante compreensiva nos empreendimentos de outrem. Sob esse aspecto, destaca-se com bastante clareza a complementaridade do homem e da mulher (Stein, 1999, p. 92).

No caminho da redenção, a partir da nova aliança em Cristo, a salvação revela-se vinculada primariamente à fé e não estabelece distinções entre o masculino e o feminino. Trata-se de um chamado universal dirigido a todos os seres humanos, independentemente do sexo, ainda que a resposta a esse chamado se concretize segundo o grau de entrega, liberdade e disposição interior de cada pessoa. Contudo, no interior dessa universalidade, Edith Stein reconhece que a mulher, em razão de sua constituição espiritual e afetiva, apresenta uma particular disposição para o divino. Nessa linha de pensamento, Stein explicita as implicações dessa disposição feminina ao afirmar:

Por isso, numa vida familiar ordenada, caberá sobretudo à mulher a tarefa de cuidar da educação moral e religiosa. Se a vida dela estiver totalmente baseada na vida de Jesus, estará bem protegida contra o risco de errar a medida do amor solícito que nutre pelas pessoas que lhes são próximas (Stein, 1999, p. 96).

O masculino e o feminino se complementam no relacionamento que estabelecem enquanto seres humanos, reconhecendo-se mutuamente em suas individualidades e dignidade próprias. Apesar das diferenças físicas, psicológicas e comportamentais que os distinguem, ambos se orientam para a realização de um bem comum que ultrapassa os interesses individuais.

Nesse horizonte, optar por servir a Deus e imitar os passos de Cristo não constitui uma prerrogativa exclusiva de homens ou de mulheres, mas um chamado dirigido à pessoa humana enquanto tal. Trata-se de uma vocação ao dom de si, à entrega por amor, à qual todo ser humano pode ser convocado.

Homem e mulher, como pais e mães no sentido biológico, colaboram na geração da vida para a sociedade, e, por meio da paternidade e da maternidade espirituais, cooperam igualmente na formação dos filhos para o Reino de Deus. Nessa perspectiva, a filósofa sintetiza sua concepção da diferença sexual afirmando:

Segundo a minha convicção, a espécie humana se desdobra na espécie dupla de homem e mulher, de modo que a essência do ser humano, em que não deve faltar nenhum traço de um ou de outro lado, se manifesta de dupla maneira revelando-se a marca específica em toda a estrutura do ser. Não é só o corpo ou as funções fisiológicas que são diferenciadas, a vida toda no corpo é diferente, e no âmbito da alma difere a relação entre as diversas forças espirituais (Stein, 1999, p. 206).

Edith Stein aprofundou-se na questão do feminino e do masculino para estabelecer um sentido de igualdade de gênero, atendendo aos anseios do movimento feminista e do partido democrático. Ao longo das épocas, é notável que houve mulheres relevantes na história da humanidade; mesmo assim, pouco se encontra sobre a presença feminina nos livros de história e, de maneira escassa, também nos campos da ciência e da filosofia.

Ao longo da história, as mulheres foram consideradas inferiores pelos homens. E por esse fato surgiram diversos movimentos em prol da causa feminina, na luta contra as desigualdades de gênero. Edith Stein, mesmo após sua saída dos movimentos dos quais participou, estivesse na área em que estivesse, foi uma voz ativa em defesa da presença feminina nos espaços da sociedade.

No que se refere à Igreja, até onde se pode verificar, Papa João Paulo II destaca-se como um dos primeiros a elaborar documentos magisteriais voltados ao reconhecimento da dignidade da mulher, especialmente no que diz respeito à sua vocação, à consagração a Deus e à participação na vida eclesial. Ainda jovem, Karol Wojtyła entrou em contato com o pensamento de Edith Stein por meio de seu professor Roman Ingarden, amigo pessoal da filósofa e também discípulo de Edmund Husserl.

Nesse contexto, ao tratar da possível influência do pensamento de Edith Stein no magistério de Papa João Paulo II, Clélia Peretti afirma:

Não podemos descartar a hipótese de que João Paulo II tenha se inspirado em Edith Stein para propor um novo feminismo para a Igreja Católica Romana. Uma base fundamental para a proposta de uma antropologia feminina é colocada por João Paulo II no seu magistério, revelando com sua ação e seus escritos um grande testemunho do interesse pastoral pelas mulheres e representam uma referência para o mundo católico. Tratando da questão feminina o Papa apresenta na *Mulieris Dignitatem*, o tema da reciprocidade como elemento regulador e de equilíbrio entre homem e mulher. (Peretti, 2013, p. 41).

Dessa forma, o contato de Wojtyła com a obra de Edith Stein no contexto eclesial, bem como sua inserção no horizonte fenomenológico por ela compartilhado, pode ter contribuído para a consolidação de uma reflexão mais sistemática sobre a mulher no magistério pontifício, especialmente em documentos como a *Mulieris Dignitatem*, conforme assinala Clélia Peretti, favorecendo a elaboração de um pensamento antropológico-teológico que a reconhece como sujeito pleno de dignidade.

3.2 A condição da mulher no campo das profissões

A perspectiva steiniana sobre o feminino é um aspecto relevante para o pensamento da filósofa, especialmente na correlação que ela estabelece entre a visão humana, pessoal e cristã da mulher de uma maneira essencial. A partir da fenomenologia de Husserl, por meio da compreensão das coisas que retornam a si mesmas e da experiência vivida na prática, Stein busca compreender o ser humano em relação à sexualidade e às distinções que marcam o sexo feminino e o sexo masculino. Incluindo também a questão das profissões, como cada trabalho se adequa às espécies, seja homem ou mulher. Ao refletir sobre as

transformações históricas na divisão das tarefas entre homem e mulher, Stein observa:

Estas últimas considerações levam à questão do trabalho fora de casa e da relação entre homem e mulher na vida profissional. Depois da evolução verificada nas últimas décadas, podemos considerar encerrado o período histórico em que se distinguia claramente entre tarefas domésticas que cabiam à mulher e a luta pela existência fora de casa que cabia ao homem (Stein, 1999, p. 97).

Edith Stein não reduz as atribuições da mulher apenas às questões biológicas ou sociais, embora reconheça que esses aspectos contribuam de forma essencial para a espécie feminina. Embora seja distinta da estrutura masculina, é uma composição que complementa ambas as estruturas. Edith observa que a alma feminina possui características que influenciam tanto seu comportamento quanto sua vocação, para a vida profissional e seu desempenho na sociedade. Ao enfrentar a questão da atividade profissional feminina fora do lar, Stein afirma:

Tendo em vista as reflexões apresentadas anteriormente precisamos perguntar primeiro se a atividade profissional da mulher fora de casa contrária realmente a ordem natural e da graça. Creio que a resposta deva ser negativa. A ordem original prevê a meu ver, a ação comum do homem e da mulher em todas as áreas, apesar de uma distribuição diferenciada dos papéis (Stein, 1999, p. 98).

Para a filósofa, o sexo feminino possui uma abertura para acolher, agir com empatia e compreender a outra pessoa. Essa afetividade permite um olhar aguçado para reconhecer as necessidades do outro. A autora observa que, nas atitudes da mulher, há uma ligação que abrange, simultaneamente, o racional do intelecto e a dimensão afetiva do ser humano. Stein admite que essas características não determinam de maneira rígida a individualidade feminina, pois cada mulher se realiza de forma singular.

Ao analisar esse aspecto do pensamento steiniano, Patrícia Espíndola de Lima Teixeira observa:

Tal pressuposto é fundamental para a formação humana integral feminina, pois, segundo Edith Stein, onde existe apreensão intelectual e afetiva, a alma adentra-se em profundidade. No processo formativo, a afetividade e a vontade põem em movimento o discernimento, despertando atitudes que, apoiadas em valores, se transformam em ações práticas (Teixeira, 2020, p. 138).

Edith Stein destaca uma diferença essencial entre a natureza e a graça ao tratar da missão da mulher. Na questão da natureza, a filósofa classifica como uma estrutura da pessoa que engloba o ser humano, homem e mulher. Sobre a graça, Stein reconhece a vocação espiritual na qual Deus pode agir, transformando a natureza humana. A autora contempla na mulher uma missão que lhe pertence por vocação, tanto no contexto social quanto no contexto da igreja.

A ação da mulher, possuindo sua maneira própria, permite que ela realize a missão de humanizar os locais onde trabalha, estuda e convive. Agir de forma diversa nas

várias esferas, seja na família, na política ou na educação, é um chamado interior para a alma feminina, que surge a partir do autoconhecimento que a mulher concretiza por meio de sua identidade. Edith Stein explicita que existem âmbitos nos quais as disposições próprias do feminino revelam-se particularmente adequadas e fecundas, afirmando:

Sempre que convier a emoção, a intuição, a empatia e a capacidade de adaptação e onde está em jogo o ser humano como um todo, para cuidar dele, formá-lo, ajudá-lo, compreendê-lo ou exprimir seu ser, aí se trata de um campo de ação genuinamente feminino (Stein, 1999, p. 100).

Ao dedicar-se à educação feminina, Edith Stein almejava promover a presença da mulher na vida universitária, permitindo que ela também tivesse acesso à formação profissional, reconhecendo os estereótipos machistas da sociedade, que tratava de forma reducionista os interesses femininos.

A contribuição da filósofa, em defesa dos direitos da mulher, é importante por compreender o feminino como uma espécie capaz de integrar, em sua constituição, a razão e o espírito. Apesar de acreditar na construção social que busca colocar a mulher em espaços antes ocupados apenas por homens, Stein observa que não basta apenas ocupar os mesmos locais, mas demonstrar que a espécie feminina não é inferior à masculina de forma alguma. Nesse sentido, a autora observa:

Nestas circunstâncias deve-se tirar o máximo da situação imposta: por um lado, tentar corresponder às exigências objetivas da profissão e, por outro lado, não renegar ou deixar definhando a própria natureza e, sim, fazê-la valer em proveito do todo. (Isso pode significar, por exemplo, que uma mulher que tem um trabalho mecânico se mostre compreensiva e prestativa para com os colegas, que um homem talvez demonstre espírito criativo na organização do trabalho) (Stein, 1999, p. 101).

A vocação da mulher não se restringe à maternidade, como uma gestação biológica; a mulher pode gerar de maneira espiritual e social, inclusive ao ensinar na educação para o trabalho feminino, defendendo a oportunidade de formação em igualdade com a formação do homem, para que ambos possam ter as mesmas chances de estudo e profissão como expressão da vocação pessoal no âmbito social.

A mulher compreendida como pessoa humana plena, assim como o homem, pode atuar em diversas áreas, mesmo possuindo seu jeito próprio de cuidar do ser humano. A presença feminina no campo das profissões busca os mesmos direitos e dignidade entre os sexos, destacando que a identidade pessoal da mulher deve ser respeitada no contexto social e na vida profissional. Ao refletir sobre a legitimidade da atuação profissional feminina para além do matrimônio e da maternidade, Edith Stein declara:

Existem outras profissões femininas além da natural? Só o embotamento subjetivo poderia negar à mulher a capacidade de exercer outras profissões além de esposa e

mãe. A experiência das últimas décadas que é, no fundo, a experiência de todos os tempos confirma essa verdade. É lícito afirmar: em caso de necessidade, qualquer mulher normal e sadia pode exercer uma profissão (Stein, 1999, p. 61).

Edith Stein reflete sobre as características específicas das profissões, questionando se há aquelas que se encaixam mais no jeito de ser da mulher ou se existem aquelas que se adequam mais ao modo de ser do homem. A perspectiva de Stein para a mulher abrange a totalidade do ser feminino, integrando vida pessoal, formação educacional e profissional; dessa forma, a profissão da mulher passa a se adequar às suas características, considerando suas preferências particulares. Ao tratar da relação entre identidade pessoal e exercício profissional, Edith Stein enfatiza:

Quem é capaz de conquistar sempre essa visão da totalidade e de conservá-la sente-se unido a ela mesmo na atividade mais enfadonha e abstrata e, com isso, a atividade se torna suportável, melhora até do ponto de vista objetivo e corresponde melhor a seu objetivo do que na situação em que a parte perde a visão do todo (Stein, 1999, p. 63).

Quando se fala do campo das profissões, Edith Stein traz à luz o termo *ethos*, para falar de algo que dura, que permanece na perspectiva positiva de uma maneira constante, nas atitudes de quem almeja realizar determinado trabalho. Stein não concebe a ideia de que atuar em uma profissão seja uma atitude apenas para gerar o sustento financeiro. A vida profissional é, então, impulsionada por esse *ethos*, que se concretiza através de uma tomada de decisão interior, determinando a área profissional a partir da vocação para a tarefa que se anseia realizar. Ao aprofundar o conceito de *ethos*, Edith Stein esclarece:

Na acepção do termo, *ethos* exprime algo duradouro que regula os atos do ser humano, não se trata de uma lei imposta de fora ou de cima, antes, é algo que atua dentro do ser humano, uma forma interna, uma atitude de alma constante, aquilo que a escolástica chama de hábito (Stein, 1999, p. 55).

Para tratar do *ethos* feminino profissional, Edith Stein evidencia a importância de se comportar com zelo diante da profissão escolhida, que não seja um trabalho exercido de qualquer forma ou visto como uma simples forma de ganhar recursos para se manter. A filósofa reconhece que a profissão é antecedida pela vocação, a capacidade para exercer e desenvolver-se no trabalho para o qual foi chamada. Nesse sentido, exemplifica a autora:

Mas o que significa ter vocação? Deve ter havido um chamado: de alguém, a alguém, para algo, de uma maneira perceptível. Dizemos que um cientista recebeu um chamado para assumir uma cadeira. Nesse caso, um determinado órgão, uma universidade (ou faculdade) convoca uma pessoa que, por sua capacidade e qualificação, parece ter vocação para a função oferecida. (Stein, 1999, p. 73).

Dessa forma, na concepção steiniana, a formação educacional constitui elemento fundamental para que a mulher realize plenamente sua vocação nas dimensões pessoal e

profissional. A profissão, precedida por um chamado interior, torna-se espaço concreto de expressão de sua identidade, permitindo-lhe contribuir para o cuidado e a promoção da pessoa humana onde quer que atue, seja como médica, enfermeira, professora ou em qualquer outra área que possibilite a manifestação de sua especificidade feminina integrada à competência técnica e à responsabilidade ética.

4. A IMPORTÂNCIA DA MULHER NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Ao longo das décadas, a perspectiva feminina passou por significativas transformações. Questões relativas à mulher, antes restritas quase exclusivamente à vida doméstica e ao âmbito privado, ampliaram-se progressivamente em virtude das lutas dos movimentos em prol dos direitos das mulheres, possibilitando sua presença e atuação nos espaços públicos da sociedade.

Verificou-se, assim, a inserção da figura feminina em ambientes que anteriormente eram ocupados apenas, ou majoritariamente, por homens. Essa presença contribuiu de modo singular para o desenvolvimento humano integral, na medida em que a mulher manifesta uma disposição própria para a totalidade e a integração do ser humano, conforme explicita Edith Stein:

O homem experimenta facilmente um desenvolvimento unilateral. Na mulher existe uma tendência natural à totalidade e integridade em dois sentidos: ela própria gostaria de transformar-se num ser humano completo, total e universalmente desenvolvido, além de querer ajudar também aos outros a serem assim e de ter em vista sempre o ser humano completo quando lida com as pessoas (Stein, 1999, p. 282).

A mulher, historicamente identificada como o “sexo frágil”, passa a ser compreendida, na ótica steiniana, como portadora de uma dignidade própria e de uma vocação específica no interior da estrutura da pessoa humana. Assim como o homem, reconhece-se nela o direito de estar presente não apenas no âmbito educacional, mas também nos setores financeiro e político.

Sua participação contribui de modo decisivo para o desenvolvimento humano, especialmente no que se refere à formação profissional e ao exercício de atividades remuneradas sem discriminação de gênero, valorizando-se, desse modo, as aptidões individuais independentemente do sexo.

4.1 A presença feminina na comunidade

Na sociedade contemporânea, embora ainda se façam presentes manifestações de preconceito, sejam elas de cunho machista ou homofóbico, diferentemente de períodos históricos anteriores, existem atualmente leis e grupos de defesa voltados ao enfrentamento das diversas formas de violência que atingem a dignidade humana.

No que se refere à mulher e ao seu lugar na comunidade, é possível reconhecer que ela já não se encontra em uma condição de total descaso ou desamparo. Ainda que não se

disponha de um sistema ideal de proteção e promoção das questões femininas, constata-se um processo contínuo de lutas e conquistas que se desenvolve ao longo das últimas décadas.

No âmbito específico da violência contra a mulher, destacam-se legislações que tratam diretamente dessa problemática, como a Lei Maria da Penha, bem como a existência de delegacias especializadas, abrigos para vítimas de violência doméstica, centros de atendimento e organizações não governamentais (ONGs) de apoio e defesa.

No estado do Ceará, especialmente na capital, observa-se também a atuação expressiva de mulheres como agentes de transformação social em seus territórios, assumindo papéis de liderança em associações de bairro, projetos sociais e iniciativas voltadas à promoção da cidadania e à defesa de direitos, contribuindo para a humanização das relações e para o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Embora ainda persistam elevados índices de feminicídio, quando comparada às décadas passadas, a sociedade apresenta avanços significativos no que diz respeito à condição feminina. Já não se vive em um contexto no qual a mulher era integralmente submissa à figura masculina, fosse ela a do pai, do irmão ou do esposo, que detinha o poder de decisão sobre sua vida sem que lhe fossem reconhecidos a liberdade e o direito de escolha sobre si mesma.

Nesse processo histórico de transformação, a obra de Edith Stein oferece importantes elementos de reflexão ao destacar a força interior e a autonomia da mulher, como se observa em sua afirmação:

Seguir seu próprio caminho em silêncio e com segurança (com todo o amor e toda a atenção) rezando e fazendo sacrifícios com perseverança - eis as armas que levaram à vitória até em casos aparentemente desesperadores. Não que a vitória seja sempre certa, pois trata-se de mistérios divinos que não nos são dados a conhecer (Stein, 1999, p. 288).

Com a ampliação da participação feminina nos espaços profissionais, a mulher passou a enfrentar o desafio de conciliar o trabalho externo com a vida doméstica. Em uma realidade marcada pelo crescimento do número de mães solo, evidencia-se, na prática, a competência e a força dessas mulheres que lutam diariamente por seu sustento e pela valorização de seus papéis na sociedade.

Ainda assim, enfrentam desigualdade salarial, assédio nos espaços públicos e profissionais, bem como a violência doméstica, cujos agressores, em muitos casos, são os próprios companheiros. Não se vive mais em uma época em que a mulher era concebida como propriedade, obrigada a uma vida de submissão ao esposo ou restrita exclusivamente ao âmbito familiar, sem autonomia para tomar decisões sobre sua própria existência.

Após anos de luta por reconhecimento, espaço e voz, a mulher demonstrou que,

como mãe, educadora ou profissional, independentemente da área em que atue, contribui de modo significativo para o desenvolvimento social do meio em que está inserida. O papel da mulher, uma vez assegurada sua participação nos diversos espaços sociais, evidencia a relevância da presença feminina para a promoção da harmonia comunitária e para o crescimento integral das pessoas que a cercam, seja no âmbito familiar, seja no contexto profissional.

Sua atuação contribui de modo significativo para o desenvolvimento daqueles com quem convive cotidianamente, conferindo às relações humanas um caráter mais atento à pessoa em sua totalidade. Nesse sentido, Edith Stein afirma que a especificidade feminina não limita a mulher a determinadas funções, mas pode ser realizada em qualquer âmbito profissional, como afirma:

A mulher pode atuar segundo a sua peculiaridade em qualquer profissão que esteja exercendo, corresponda esta às suas características específicas ou não, e em qualquer lugar, para o bem das pessoas. Em qualquer parte há seres humanos, em qualquer parte terá oportunidade de ajudar com seu apoio e conselho (Stein, 1999, p. 292).

Na mulher, há naturalmente uma predisposição para o outro, levando-a sempre a atos de amor ao próximo. Por isso, ela se entrega por inteiro, possuindo em seu ser o interesse concreto de proporcionar harmonia aos ambientes dos quais faz parte, seja no contexto familiar, seja nas relações sociais e afetivas.

Contudo, ao se buscar a igualdade de gênero, torna-se necessário reconhecer que homens e mulheres possuem diferenças constitutivas, ainda que sejam igualmente dignos e complementares. Essa compreensão é aprofundada por Angela Ales Bello, ao interpretar a noção steiniana de natureza feminina nos seguintes termos:

Aquele que ela chama de natureza ou espécie feminina: a intuição que, embora voltada para o detalhe, não perde de vista a totalidade e, portanto, a exigência de compreender o todo, e as tendências do agir, que são necessariamente voltadas para o outro, com a preocupação pela sua existência e pelo seu desenvolvimento (Bello, 2000, p. 22).

Dessa forma, a construção de uma sociedade justa e verdadeiramente igualitária exige o reconhecimento de homens e mulheres como pessoas humanas dotadas de igual dignidade ontológica, isto é, fundada no próprio ser chamadas a cooperar na promoção do bem comum, sem discriminações de gênero. Nesse contexto, a mulher, ao longo de sua trajetória histórica de reivindicação de direitos fundamentais, tem demonstrado a capacidade de superar barreiras socialmente impostas, afirmando sua presença ativa e transformadora na vida comunitária.

4.2 Edith Stein no cenário brasileiro

O primeiro registro de citação de Edith Stein em um texto publicado no Brasil data de 1948, escrito por Alceu Amoroso Lima. Embora os estudos sobre Edmund Husserl, mestre de Stein, tenham começado a circular no país a partir de 1945, as publicações especificamente dedicadas a Edith Stein surgiram apenas em 1955, com o lançamento do livro *Edith Stein*, de Maria Anna Nabuco, pela Editora Vozes. Por se tratar da primeira obra publicada em língua portuguesa sobre a filósofa, o livro apresentava predominantemente um caráter biográfico, de orientação religiosa e confessional católica.

Edith Stein reconhece a existência de convergências significativas entre o feminismo católico e o feminismo civil, evidenciando que ambos compartilham objetivos comuns em diversos âmbitos da vida social, como afirma:

O movimento feminista católico tem muito em comum com os objetivos do movimento não católico e lhe deve contribuições pioneiras valiosas, como, por exemplo, no campo econômico, a criação de oportunidades de trabalho e de formação, nos campos político, jurídico e social, os primeiros passos para a participação da mulher: até mesmo na avaliação do casamento e da maternidade continua existindo uma ampla concordância com os elementos moderados do movimento feminista civil (Stein, 1999, p. 183).

Em 1958, foi traduzido para o português um dos escritos espirituais de Edith Stein, intitulado *Oração da Igreja*, cujo texto original data de 1937. Em 1960, o frei Francis Lelotte organizou o volume *Grandes convertidos do Século XX*, no qual incluiu Stein. Foi por meio dessa obra que Aparecida Turolo Garcia, posteriormente conhecida como Irmã Jacinta Turolo, despertou especial interesse pela filósofa.

No âmbito biográfico, em 1965, a Editora Vozes publicou a tradução, realizada por Manuel Bandeira, da peça teatral *Edith Stein na Câmara de Gás*. Nesse mesmo período, teve início o processo de canonização de Stein, posteriormente reconhecida na Igreja como Santa Teresa Benedita da Cruz.

Após essa publicação, durante o período da ditadura militar no Brasil, observa-se um hiato editorial entre 1966 e 1983, marcado pela ausência de novas traduções ou publicações de obras de Edith Stein, em grande medida em razão da censura estatal, que se opunha à difusão de determinadas áreas do saber e da produção intelectual.

Ao tratar da natureza e do alcance do poder estatal, Stein ressalta sua capacidade de ordenar, promover ou restringir as finalidades temporais da sociedade, afirmando:

Como poder organizado o Estado tem a possibilidade - mais que qualquer outra estrutura social - de atrair para seu âmbito, de promover ou de suprimir todos os fins temporais. A existência e o sucesso da família dependem de sua proteção. O Estado tem também a possibilidade de colocar a sua mão sobre o sistema educacional e

formativo (Stein, 1999, p. 233).

A partir de 1984, observa-se, no contexto brasileiro, a retomada das publicações steinianas com a obra *Na força da cruz*, de Hermann Baaken, publicada pela Editora Cidade Nova. Esse movimento assinala uma transição significativa na recepção de Edith Stein, ao favorecer uma abordagem que ultrapassa o interesse estritamente biográfico e passa a contemplar, de modo mais consistente, as dimensões filosóficas e espirituais de seu pensamento.

Em 1987, ano da beatificação de Edith Stein, Frei Patrício Sciadini, em colaboração com Irmã Jacinta Turolo Garcia, publicou pela Editora Loyola a obra *Edith Stein: Holocausto para seu Povo*, contribuindo para uma leitura que integra a experiência histórica da filósofa à profundidade espiritual e filosófica de sua trajetória. Mesmo ano em que a Irmã Jacinta defendeu sua tese de doutorado, intitulada *Edith Stein e a formação da pessoa humana*.

Irmã Jacinta destaca-se como a primeira pesquisadora acadêmica brasileira a dedicar-se de modo sistemático ao estudo de Edith Stein, abrindo caminho para a consideração de sua obra não apenas como testemunho de santidade, mas como um campo teórico relevante para a reflexão antropológica, ética e teológica.

Até então, as publicações sobre Edith Stein concentravam-se predominantemente em sua trajetória biográfica, com ênfase em sua condição de filósofa e santa, sem explorar de modo mais aprofundado a unidade entre o pensamento filosófico e a experiência espiritual que caracteriza sua obra.

No ano de 1988, foram publicadas no Brasil duas obras de grande relevância para o desenvolvimento das pesquisas steinianas: *Ciência da Cruz – estudo sobre São João da Cruz*, de Edith Stein, pela Editora Loyola, e a publicação da tese de doutorado da Irmã Jacinta Turolo Garcia. No contexto da recepção brasileira do pensamento de Edith Stein, tais publicações representaram um impulso decisivo para a consolidação dos estudos sobre a autora no país:

Nesse sentido, podemos afirmar que o livro de Jacinta Turolo Garcia foi um marco significativo nas publicações sobre Edith Stein, porque além de contextualizar outras contribuições da filósofa de conteúdo filosófico, antropológico, pedagógico e teológico, além do biográfico até então, também promoveu um movimento de divulgação à Stein no Brasil, incentivando grupos de pesquisa e pesquisadores de áreas afins (Goto; Garcia, 2016, p. 7).

A partir dessa produção acadêmica, o pensamento de Edith Stein passou a ser introduzido de modo mais sistemático e abrangente em diferentes áreas do conhecimento.

Tornando-se, dessa forma, referência para a realização de eventos acadêmicos, como conferências, seminários e encontros filosóficos, voltados ao aprofundamento e à discussão crítica de sua obra, além de fomentar novas pesquisas e publicações que ampliam a compreensão de seu legado intelectual.

Ainda em 1988, Irmã Jacinta assumiu a reitoria USC e a Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), iniciativa que viabilizou a tradução de diversas obras originais de Edith Stein, ampliando significativamente o acesso ao seu pensamento no contexto brasileiro. Nesse mesmo âmbito editorial, realizaram-se também traduções de trabalhos da Dra. Angela Ales Bello, cuja produção acadêmica continua contribuindo de modo decisivo para a compreensão da obra steiniana e de sua relevância no cenário nacional.

Tais publicações exerceram impacto particular sobre as reflexões acerca do feminino, favorecendo uma leitura mais aprofundada da dignidade da mulher e incentivando seu reconhecimento como sujeito ativo e relevante na sociedade contemporânea. Em 1998, Edith Stein foi canonizada pelo papa João Paulo II, fato que conferiu mais estímulo aos estudos sobre sua vida e obra. No início dos anos 2000, foi publicado o segundo texto acadêmico brasileiro dedicado a Edith Stein, intitulado *O toque inefável – apontamentos sobre a experiência de Deus em Edith Stein*, de autoria do Dr. Juvenal Savian Filho.

Contudo, já na década de 1990, haviam sido publicadas obras fundamentais para a consolidação dos estudos steinianos no país, como *Mistério de Natal*, de Edith Stein, e, em 1999, a tradução de *A mulher – sua missão segundo a natureza e a graça*, texto que se tornou referência em pesquisas nas áreas da psicologia e da educação, especialmente no que diz respeito à compreensão do feminino e de sua atuação na comunidade enquanto expressão da pessoa humana.

A centralidade dessa obra para a compreensão da antropologia steiniana evidencia-se na interpretação de Clélia Peretti e Thaíne Amaral, ao destacarem que:

Na obra “*A Mulher*”, Stein enfatiza as particularidades do ser mulher, no que se refere a sua feminilidade, humanidade e individualidade em busca da natureza que se manifesta de forma pessoal, mas não como um objeto isolado, e sim da natureza humana em sua essência (Peretti; Amaral, 2020, p. 76).

A partir dos anos 2000, o pensamento steiniano passou a alcançar maior reconhecimento no cenário acadêmico brasileiro, especialmente com a primeira visita da Dra. Angela Ales Bello ao Brasil, realizada a convite da Irmã Jacinta. Nesse mesmo período, a editora EDUSC publicou a obra *Fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*, na qual Ales Bello dedica parte significativa de sua reflexão à fenomenologia de

Edith Stein, ao lado de outras duas filósofas, Hedwig Conrad-Martius e Gerda Walther, contribuindo para a consolidação de uma leitura filosófica mais sistemática do pensamento steiniano no país. Ainda nesse contexto, em 2001, a editora Santuário publicou a tradução da biografia *Edith Stein – como ouro purificado pelo fogo*, de autoria de Elisabeth de Miribel, obra que colaborou para a difusão da vida e do itinerário intelectual e espiritual de Edith Stein entre os leitores brasileiros.

Em 2011, realizou-se, na cidade de Fortaleza, o I Simpósio Filosófico Internacional, intitulado *Um olhar interdisciplinar sobre a subjetividade humana: a pessoa humana em Edith Stein*, promovido pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), com a organização conjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O evento reuniu pesquisadores de diversas universidades brasileiras e contou com a participação da própria Dra. Angela Ales Bello como conferencista, representando um marco na institucionalização dos estudos steinianos no Brasil e no aprofundamento da reflexão sobre a pessoa humana a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Em 2016, por ocasião das comemorações do centenário da tese de Edith Stein, intitulada *O problema da empatia*, a revista TQ (Teologia em Questão), em parceria com o Grupo de Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), publicou a obra *O pensamento de Edith Stein – Estudos Críticos*. Essa publicação representou um importante esforço de aprofundamento e atualização da reflexão crítica sobre a filósofa no contexto acadêmico brasileiro.

Em 2018, a Editora Paulus realizou um marco editorial ao lançar, pela primeira vez no Brasil, as *Obras Completas de Edith Stein*, iniciando com o volume *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. No ano seguinte, em 2019, foi publicada a sequência do projeto editorial com o volume *Escritos de Husserl e Tomás de Aquino*, que reúne textos fundamentais para a compreensão do diálogo de Stein com a fenomenologia husserliana e a tradição tomista, incluindo a peça teatral escrita pela autora em homenagem aos setenta anos de seu mestre Husserl.

Ainda em 2019, foi publicado o livro *Psicologia com alma: a fenomenologia de Edith Stein*, organizado pelo Dr. Miguel Mahfoud, com a colaboração de pesquisadores de destaque na difusão do pensamento steiniano no Brasil, entre os quais Maria Inês Castanha de Queiroz, Ursula Anne Matthias e Juvenal Savian Filho. A obra evidencia a fecundidade do pensamento de Edith Stein no diálogo interdisciplinar, abrangendo campos como a psicologia, o direito, a estética, a enfermagem e a psicopedagogia, ao mesmo tempo em que reafirma a atualidade de sua antropologia fenomenológica.

Em decorrência da pandemia de Covid-19, iniciada em 2020 e de alcance global, as atividades acadêmicas presenciais foram amplamente suspensas. Para evitar a interrupção total das pesquisas e dos debates, recorreu-se de modo significativo às transmissões ao vivo por meio das redes sociais. Nesse contexto, a Dra. Magna Celi Mendes da Rocha passou a realizar lives semanais, acessadas pelo site Edith Stein – Estudos integradores da pessoa humana, nas quais evidenciava a atualidade e a pertinência do pensamento de Edith Stein à luz das circunstâncias vivenciadas naquele período. Tais iniciativas desempenharam papel relevante ao demonstrar que os estudos steinianos no Brasil não apenas se mantiveram ativos durante a pandemia, como também encontraram novas formas de difusão e interlocução acadêmica.

No ano de 2021, apesar da continuidade do cenário pandêmico, registraram-se importantes contribuições no campo dos estudos steinianos. Dentre elas, destaca-se a publicação do artigo de Romário da Silva Campos, em comemoração ao centenário da conversão de Edith Stein ao catolicismo. Nesse mesmo ano, a Editora Paulus deu continuidade ao projeto editorial das *Obras Completas de Edith Stein* com o lançamento do terceiro volume, intitulado *Investigação sobre o Estado*, publicado, assim como os volumes anteriores, em edição crítica, reforçando o compromisso com a difusão rigorosa e sistemática do pensamento da filósofa no Brasil.

As transmissões ao vivo dedicadas ao pensamento de Edith Stein permaneceram ativas, ainda que em formato mensal, consolidando-se como espaço contínuo de divulgação e reflexão. Nesse período, registrou-se no Brasil o lançamento do primeiro devocionário dedicado a Edith Stein, elaborado pelo Mosteiro de São José, bem como a realização de uma live comemorativa pelos vinte anos da atuação da Dra. Angela Ales Bello na difusão do pensamento steiniano em território brasileiro. Tais iniciativas evidenciam a articulação entre a recepção acadêmica e a dimensão espiritual da obra de Stein, característica marcante de sua presença no contexto nacional.

Em 2022, realizou-se o primeiro evento acadêmico presencial após o período pandêmico: o XX Simpósio de Filosofia, em Santa Catarina, com a temática *A originalidade do pensamento de Edith Stein*. No mesmo ano, foi promovida a primeira novena de Santa Edith Stein, que passou a ser realizada anualmente e mantida, desde então, por meio de transmissões ao vivo nas redes sociais, evidenciando a continuidade e a vitalidade da recepção espiritual e intelectual da autora no Brasil. Já em 2023, ocorreu o *I Congresso Edith Stein*, realizado na Faculdade Ítalo Brasileira, sob a organização das professoras Magna Celi Mendes da Rocha e Maria Cecília Isatto Parise, evento que contribuiu significativamente para

o fortalecimento dos estudos steinianos no contexto acadêmico nacional.

Atualmente, o pensamento de Edith Stein tem alcançado reconhecimento crescente no Brasil. Para além das traduções de suas obras, observa-se a ampliação significativa da produção acadêmica dedicada à autora, evidenciada em artigos, monografias, dissertações e teses. Tais estudos se difundem desde a graduação até a pós-graduação, manifestando-se na elaboração de trabalhos de conclusão de curso, projetos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado, bem como na atuação de grupos de pesquisa constituídos em universidades do país e da realização de eventos acadêmicos e conferências promovidos por estudiosos que têm no pensamento steiniano o eixo central de suas investigações.

Essa expansão se explica, em grande medida, pelo caráter multidisciplinar da obra de Edith Stein, cuja reflexão abrange diversos campos do saber, como a filosofia, a psicologia, a pedagogia, a experiência religiosa e a teologia evidenciando a amplitude e a atualidade de sua contribuição para a compreensão da pessoa humana em sua integralidade.

No âmbito dos movimentos sociais, especialmente daqueles voltados às questões do feminino, observa-se a emergência de pautas que ultrapassam as demandas cotidianas, como transporte e emprego, para incluir problemáticas relacionadas às diversas formas de discriminação ainda presentes na estrutura social brasileira. Entre essas, destacam-se o preconceito racial, o cuidado com a infância, a responsabilidade ambiental e o fortalecimento do sentido comunitário, inseridos em um contexto social que, apesar dos avanços, permanece marcado por estruturas patriarcais no que se refere às relações de gênero.

Para além das causas diretamente relacionadas ao feminino, Edith Stein é reconhecida como referência enquanto cidadã, pensadora e cristã, cuja vida e obra se mantêm em permanente diálogo. Sua reflexão antropológica e sua atuação concreta não se pautaram por qualquer forma de redução ou hierarquização do ser humano, ao contrário, afirmaram a dignidade da pessoa em todas as suas dimensões, independentemente de gênero, condição socioeconômica ou posicionamento político e religioso.

Enquanto educadora, dedicou-se à formação de jovens mulheres, e, como professora, empenhou-se em formar consciências femininas capazes de reconhecer sua própria dignidade e responsabilidade no contexto social em que viviam, ainda marcado por significativas restrições à participação da mulher nos diversos âmbitos da vida pública.

Em sua autobiografia, evidencia-se que foi no ambiente familiar que Edith Stein aprendeu, de modo concreto e cotidiano, o cuidado com o outro, fosse ele adulto, idoso ou criança. Esse aprendizado do amor ao próximo, cultivado ao longo de toda a sua trajetória,

manifestou-se de forma particularmente expressiva em seu engajamento contra o descaso e a negação de direitos vivenciados pelas mulheres de sua época, cujas consequências ainda se fazem sentir nos contextos nacional e internacional. Tal postura revela-se não apenas teoricamente, mas também em sua atuação concreta, como a própria autora declara:

Em razão desse forte sentimento de responsabilidade social, eu me engajei também, resolutamente, em favor do direito ao voto das mulheres. Isso não era algo óbvio na minha época, mesmo no seio do movimento cívico das mulheres (Stein, 2018, p. 234).

Edith Stein configurou-se como uma voz decisiva de incentivo para que suas contemporâneas buscassem reconhecimento e espaço em uma sociedade majoritariamente masculina. Em um contexto histórico no qual as mulheres sequer dispunham do direito ao voto, sua atuação intelectual, pedagógica e profissional impulsionou outras mulheres a reivindicarem o acesso à vida acadêmica e ao exercício de uma profissão como expressão legítima de sua dignidade pessoal.

Seus escritos e conferências, longe de se limitarem ao seu tempo, permanecem como referência teórica e formativa para universitárias, docentes e para a comunidade em geral, ao mesmo tempo em que oferecem aos homens elementos consistentes para uma compreensão mais profunda do feminino. São esses discursos que permanecem até hoje como base de estudo e influência para universitárias, professoras e para a comunidade em geral, possibilitando também aos homens uma compreensão mais profunda do feminino a partir de sua obra.

Seus textos e conferências constituem um material fecundo, capaz de encorajar mulheres concretas, enquanto sujeitos históricos e individuais, a continuar conquistando e consolidando espaços na sociedade, na Igreja, na política e nas finanças, evidenciando suas capacidades próprias, independentemente de qualquer redução baseada no gênero. A reflexão e os fatos apresentados acerca da trajetória de Edith Stein no cenário nacional evidenciam a inserção e a consolidação de seu pensamento no Brasil, ao delinear o percurso de introdução, difusão e aprofundamento de sua obra no país.

Esse panorama demonstra que sua reflexão sobre o feminino e sobre a pessoa humana permanece intelectualmente fecunda e atual. Assim, a presente exposição não constitui um desvio do objetivo central da pesquisa, mas um elemento estrutural que fundamenta e legitima a escolha de Edith Stein como referencial teórico das análises desenvolvidas na pesquisa.

4.3 A colocação da mulher na sociedade atual

Sob a perspectiva steiniana, reconhecemos a influência de Edith Stein no despertar feminino entre suas contemporâneas. Seu legado permanece como referência para mulheres que pesquisam sua obra e biografia. A mulher, por muito tempo, teve direitos básicos negados pela sociedade, como o direito de ir e vir e ter vida pública; ao longo das décadas, conquistou, mesmo que lentamente, maiores espaços na comunidade.

A mulher possui, assim como o homem, a capacidade de exercer qualquer profissão e traz em si a plenitude que contribui para o bem comum enquanto pessoa humana. Nessa perspectiva, Stein esclarece que, ainda que determinadas profissões sejam socialmente associadas ao masculino, podem ser desempenhadas segundo um modo autenticamente feminino, ao afirmar:

Além disso, pode-se afirmar que mesmo profissões que segundo seus requisitos objetivos não combinam com o modo de ser feminino, devendo ser consideradas mais especificamente como masculinas, em casos concretos da existência humana, podem vir a ser exercidas de uma maneira genuinamente feminina (Stein, 1999, p. 62).

Edith Stein presenciou essa reviravolta na realidade da mulher e contribuiu, durante sua vida, para que as mulheres tivessem a oportunidade de vivenciar mudanças em sua atuação na sociedade. Tal processo possibilitou que os frutos desses esforços sejam percebidos ainda hoje, na presença feminina em diversos setores da comunidade. Essa dimensão transformadora do pensamento steiniano é destacada por Ursula Anne Matthias e Moisés Rocha Farias, que afirmam:

Potencialidades existentes em seu ser, uma vez trabalhadas, tornam a mulher uma potência, capaz de atos jamais vistos. E é justamente para isto que E. Stein empreende uma verdadeira batalha nesta descoberta do ser feminino. O seu maior desejo está em fazer com que a mulher não mais esteja paralisada em si mesma (Matthias; Farias, 2021, p. 195-196).

A partir do momento em que a mulher passou a se reconhecer como pessoa relevante na sociedade, pôde situar-se em um contexto mais apto a enfrentar a misoginia. Por meio do amor-próprio e da consciência de sua identidade humana, passou a compreender o papel feminino como referência e influência para aqueles que a cercam, seja como mãe, esposa, filha ou profissional, exercendo, em todos esses âmbitos, sua condição de cidadã portadora de direitos e deveres.

Ao tratar da inserção da mulher nas atividades profissionais para além do espaço doméstico, Stein observa: “Convém esclarecer mais a importância das profissões extra-casa que, durante muito tempo, eram controversas e, só aos poucos, se tornaram acessíveis às

mulheres graças à luta do movimento feminista (Stein, 1999, p. 62)”.

No contexto histórico em que Edith Stein viveu, os movimentos femininos encontravam-se em expansão e articulavam diversas reivindicações relacionadas ao acesso à educação, à vida profissional e à participação social das mulheres. Tal cenário contrastava com a perspectiva de Stein, que compreendia a mulher não como rival do homem, mas como pessoa colocada ao seu lado, dotada de igual dignidade e orientada a uma relação de complementaridade.

Para o pensamento steiniano, embora existam formas de realização feminina ainda não plenamente desenvolvidas, há um ideal de formação que conduz a mulher à plenitude de sua vocação. Ao descrever essa formação plena da mulher, Stein afirma:

Dissemos que a alma da mulher deve ser ampla, que nada do que é humano lhe seja estranho. Parece que ela está predisposta a isso: seu interesse costuma concentrar-se na pessoa e na condição humana (Stein, 1999, p. 140).

Podemos visualizar, na mulher, características plenas do ser feminino: a capacidade de transformar os espaços com sua afetividade, colaborar para o crescimento daqueles com quem convive em casa, contribuir para o desenvolvimento dos colegas no ambiente de trabalho e alcançar sucesso em sua jornada pessoal ao doar-se pelo bem do outro.

A mulher, mesmo se diante de determinada circunstância, não alcança a formação plena do seu ser, mantém-se em constante modificação buscando superar dificuldades internas ou externas. Nas palavras de Edith Stein: “O fato de se destacar hoje mais o tipo prático-objetivo, certamente tem a ver em parte com as solicitações duras da vida real (Stein, 1999, p. 210)”.

Homens e mulheres compartilham aspectos semelhantes. A mulher não assume por completo as características femininas que a sociedade exige, assim como o homem não possui atributos exclusivamente masculinos. Mulheres podem apresentar traços típicos do masculino, assim como homens podem ter características femininas.

O que frequentemente causa estranhamento na questão dos comportamentos é a tendência social de estabelecer padrões rígidos sobre aquilo que seria considerado típico do homem ou da mulher. Atribuições simbólicas, como a associação da cor azul aos meninos e do rosa às meninas, exemplificam construções culturais que podem reforçar estereótipos e favorecer a formação de preconceitos sociais e de gênero.

Edith Stein compreende que cada indivíduo é constituído por características próprias e singulares; embora participe de uma mesma natureza humana, apresenta diferenças e peculiaridades que devem ser reconhecidas e respeitadas em seu processo de formação e

desenvolvimento. Nesse sentido, Stein ressalta:

A espécie, tanto no sentido da virilidade quanto da feminilidade, manifesta-se de maneiras diversas nos indivíduos; estes são, em primeiro lugar, realizações mais ou menos perfeitas da espécie; em segundo lugar, desenvolvem mais esse ou aquele traço (Stein, 1999, p. 207).

Desde que a mulher passou a conquistar maior espaço de expressão nas esferas educativa, social, política e financeira, sua presença contribuiu significativamente para a conscientização da comunidade acerca da atuação feminina na vida pública. A compreensão steiniana sobre a mulher repercute, inclusive, em sua participação na esfera eclesial.

Edith Stein, em sua época, viveu a religião católica que abrangia quase toda a população, mas no tocante às mulheres tratava-se de uma minoria. Nesse contexto, a mulher não alcançava o mesmo patamar do homem no que se refere ao exercício do sacerdócio, mas continuava a buscar maior liberdade e reconhecimento para estar inserida na Igreja sem ser reduzida ou menosprezada em razão de seu gênero.

Como evidencia a própria autora, é possível hoje refletir sobre as capacidades femininas nas funções profissionais e públicas:

Além disso pode-se falar hoje sobre as capacidades da mulher no tocante às funções da vida profissional e pública com base em anos de experiência, enquanto antes os argumentos de ambas as partes vinham como juízos a priori ou até em forma de argumentos arbitrários (Stein, 1999, p. 281).

Edith Stein concorda que homens e mulheres devem ser tratados como iguais, recebendo a mesma educação, tendo acesso a oportunidades profissionais da mesma forma e participando da vida social. Entretanto, grande parte da população mantém a ideia de que a mulher deve dedicar-se às tarefas domésticas, submissa ao homem, como antigamente.

Por conta do pensamento retrógrado que considera o homem superior à mulher, precisamos, como sociedade, reconhecer a necessidade de uma educação que forme a juventude, incluindo ambos os sexos, para compreender criticamente a desigualdade de papéis que incide sobre as questões de gênero, bem como para conscientizar os próprios formadores acerca das múltiplas manifestações do preconceito. Nesse sentido, a reflexão de Edith Stein aponta para a urgência de um processo formativo mais profundo:

É necessário que estejamos conscientes de que nos encontramos no começo de uma grande revolução cultural, que estamos passando pelas doenças Infantis e que ainda falta realizar um trabalho essencial e básico; que é necessário voltar à natureza do homem e da mulher para podermos preparar uma formação e distribuição profissional que corresponda à índole de cada um, de modo que alcancemos, aos poucos uma inserção natural dos sexos no corpo social (Stein, 1999, p. 161).

As transformações sociais permitiram que as mulheres participassem de diversas áreas da sociedade contemporânea. Com presença no mercado de trabalho e a formação

superior, vivem com liberdade para tomar decisões sobre suas vidas, inclusive no que diz respeito à saúde sexual e reprodutiva, antes negligenciada pela falta de autonomia sobre o próprio corpo.

Embora enfrentemos alguns retrocessos na sociedade em comparação a décadas passadas, as mulheres detêm hoje o poder de escolha sobre maternidade, matrimônio e profissão, que antes lhes era negado. O empoderamento feminino, alicerçado ao longo desses anos, permitiu à mulher construir uma visão crítica sobre o meio em que vive, contribuindo para mudanças significativas nas relações humanas. Conforme assinala a autora:

O que o nosso tempo exige das mulheres? Da maior parte delas, exige que ganhem elas mesmas o seu pão. daquelas que estão à frente de uma economia doméstica, espera-se que saibam administrá-la de modo racional, contribuindo assim com a situação econômica geral. Nosso tempo as conclama a colaborar, como esposas e mães, com o saneamento moral do povo. Deseja-se que elas preparem o caminho para o céu. Há necessidade, portanto, de mulheres que possuam conhecimento de vida, prudência, competência prática; mulheres com solidez moral (Stein, 1999, p. 147).

A relevância da colocação da mulher na sociedade não está ligada à realização pessoal da figura feminina, mas a uma atitude visando o bem-estar social como um todo. A questão materna abrange mais do que aspectos biológicos, pois a mulher não gera apenas de forma física. Gerar para a sociedade, como mãe, educadora ou profissional, nas diversas áreas em que atua, influencia aspectos sociais, culturais e políticos, onde as mulheres enfrentam o machismo intensamente.

Nessa linha de reflexão, Clélia Peretti analisa as dificuldades históricas de inserção feminina na esfera pública e política:

A pouca participação feminina no campo político é uma tensão que acompanha ainda os sistemas democráticos ocidentais contemporâneos. Além da dificuldade de as mulheres ascenderem ao poder, é colocada em xeque a sub-representação feminina nos processos de tomada de decisão. Edith Stein permanece firme nesta postura também na Clausura. Consequentemente condena, com firmeza toda e qualquer renúncia ao direito político que nos é dado, pois é convicta de que o ato de votar nos torna cidadãos e nos liberta da condição de submissão (Peretti, 2009, p. 250).

A colocação da mulher na sociedade contemporânea deve valorizar a complementaridade entre os gêneros, defendendo direitos iguais para ambos os sexos acima dos papéis tradicionais que consideram o homem superior à mulher. Stein, por meio de seus esforços, conquistou espaços na sociedade em uma época que não era comum ver a mulher em posição de destaque. Ao defender que toda profissão deve ser exercida por mulheres e evidenciar que a capacidade depende das habilidades individuais, deixou um legado para que a mulher mantenha constante luta para preservar os direitos conquistados e buscar aqueles que ainda lhe são negados.

A complementaridade entre os sexos orienta-se para uma convivência harmoniosa voltada ao bem comum. À luz do pensamento e da trajetória de Edith Stein, torna-se possível encorajar a busca por espaços profissionais sem que isso implique a negação da vocação pessoal, seja no âmbito familiar, relacional ou social. Desse modo, reconhece-se a mulher como protagonista de sua própria vida, capaz de agir com responsabilidade, preservando sua identidade feminina e humana.

5. CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou a atualidade do pensamento de Edith Stein sobre o feminino, ao sustentar que feminino e masculino não se configuram em oposição, mas em relação de complementaridade. Para a autora, a cooperação entre mulher e homem fortalece os vínculos humanos e sociais, promovendo uma convivência mais justa e humanizada. Fundamentado na valorização da pessoa humana, o pensamento steiniano reconhece a mulher no mesmo patamar de dignidade que o homem, destacando sua relevância especialmente no exercício da empatia, da afetividade e do cuidado com o outro, aspectos essenciais em contextos marcados pela discriminação e pela exclusão.

A própria trajetória de Stein, marcada pelo enfrentamento do preconceito contra mulheres e judeus em meio ao autoritarismo nazista, revela uma atuação intelectual e social de destaque, capaz de inspirar suas contemporâneas, e ainda hoje, contribuir para a busca por autonomia e reconhecimento feminino.

Ao longo de sua vida, Edith Stein destacou a relevância da participação feminina na sociedade, especialmente nos âmbitos político, educacional e profissional, defendendo o direito ao voto e à atuação para além do espaço doméstico. Sua compreensão do feminino enfatiza a disposição da mulher para o cuidado e a responsabilidade para com o outro, sem reduzir essa dimensão a um papel restritivo, mas integrando-a de modo orgânico à formação intelectual, ética e à atuação social.

Sua formação em uma família judaica, associada à influência materna como referência de protagonismo feminino, contribuiu decisivamente para sua busca contínua pela verdade e para a consolidação de uma postura intelectual inovadora. Como educadora, professora, conferencista e filósofa, tornou-se um referencial consistente nos estudos sobre a mulher e sobre a pessoa humana.

Em suma, esta pesquisa demonstrou que o pensamento de Edith Stein permanece atual e relevante ao abordar a figura feminina a partir de dimensões biográficas, teóricas e sociais. Ao compreender o feminino como fundamento para a formação integral da pessoa humana, Stein inspira transformações que abrangem a vida pessoal, social e cultural, reafirmando a necessidade do respeito à dignidade da mulher e sua contribuição decisiva para a humanização da sociedade, por meio do cuidado, da empatia e do compromisso com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLO, Angela Ales. **A fenomenologia do ser humano Traços de uma filosofia do feminino**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- BELLO, Angela Ales. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de Irmã Jacinta Turulo Garcia; Miguel Mahfoud. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- CARVALHO, Marly. Especificidade do ser feminino no pensamento de Edith Stein. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA**, 1., 2011, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Kairós – Revista Acadêmica da Prainha, ano VIII, n. 2, jul./dez. 2011, p. 247–258.
- GOTO, Tommy Akira; GARCIA, Aparecida Turolo. A presença do pensamento feminino de Edith Stein no Brasil: do começo até os anos de 2012. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA**, 2016. *Anais...* Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2016. p. 1–12.
- MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). **Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação**. São Paulo: Paulus, 2017.
- MATTHIAS, Ursula Anne; FARIAS, Moisés Rocha. A alma feminina na obra *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, de Edith Stein. **Kalagatos**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 183–207, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v3i6.5755. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5755>. Acesso em: 28 nov. 2025.
- MIRIBEL, Elisabeth de. **Edith Stein (1891–1942): como ouro purificado pelo fogo**. Tradução de Maria do Carmo Wollny. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2001.
- PERETTI, Clélia. A mulher no contexto histórico contemporâneo de Edith Stein. **Revista Relegens Thréskeia**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 26–47, 2013. DOI: 10.5380/rt.v2i2.35567.
- PERETTI, Clélia; AMARAL, Thaíne Nascimento. A mulher na obra de Edith Stein: uma fenomenologia do feminino. In: BELLO, Angela Ales et al. (org.). **Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein**. Curitiba: Juruá, 2020. p. 131-141.
- PERETTI, Clélia. **Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica**. 2009. 302 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, RS, 2009.
- SCHMIDT, Rainer. La morte di Edith Stein nel campo di concentramento di Auschwitz-Birkenau: alla ricerca delle sue tracce. **Humanitas – Nuova Serie**, v. 79, n. 1–2, p. 40–66, 2024.
- SAVIAN FILHO, Juvenal. Natureza feminina e direitos da mulher na filosofia de Edith Stein. **Revista Jurídica Portucalense**, n. 24, p. 24–35, 2019. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/juridica/article/view/9789>. Acesso em: 28 nov. 2025.
- STEIN, Edith. **A mulher segundo a natureza e a graça**. Tradução de Alfred J. Keller. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

STEIN, Edith. **El ethos de las profesiones femeninas**. In: STEIN, Edith. *Obras completas*. v. IV: escritos antropológicos y pedagógicos. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2003.

STEIN, Edith. **Escritos autobiográficos y cartas**. Obras completas. v. I. Burgos; Madrid; Vitoria: El Carmen; Espiritualidad; Monte Carmelo, 2002. p. 43–68.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução de Maria do Carmo V. Wollny; Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Obras de Edith Stein).

STEIN, Edith. **Estudos integradores da pessoa humana**. 2025. Disponível em: <https://edithstein.com.br/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. A essência feminina segundo a fenomenologia de Edith Stein. In: BELLO, Angela Ales et al. (org.). **Masculino e feminino na fenomenologia de Edith Stein**. Curitiba: Juruá, 2020. p. 131-141.